

Ler e compartilhar

Espaços de diálogo e reflexão, clubes de leitura como os que acontecem nas lojas da Fradique e de Moema transformam uma experiência originalmente solitária em chance de viver muitos pontos de vista

“**C**ompartilhar ideias sobre livros é sair do singular para o plural. Ter o outro como testemunha da sua vivência literária é mais do que participar de um bate-papo. É uma convocação ao compartilhamento da experiência de viver. A possibilidade de estabelecer laços e se questionar sobre o cenário das relações atuais também é um convite à mudança de convenções, de questionamentos sobre nosso imaginário e principalmente ter a possibilidade de reinventar uma nova realidade”, diz a psicanalista Carla Belintani, do clube de leitura Confraria da Lagartixas, ao definir o potencial transformador de uma experiência que, em tempos de realidade digital, combina certo “charme” à moda antiga com toda a intemporalidade e atualidade do diálogo mais cordial e civilizado. Sistematizados ou não, os “espaços” para falar sobre livros são tão seculares quanto a própria literatura, mas permanecem, cada um com sua história, reescrevendo memórias únicas.

Criado em 2013, o clube de leitura que promove reuniões mensais na Livraria da Vila da Fradique começou a partir de um projeto digital iniciado em 2010. “Nós mantemos *O Espanador*, blog sobre livros e literatura, há quase sete anos. Nossas conversas sobre leituras começaram por lá e sempre acabavam ganhando vida quando nos encontrávamos ou quando conversávamos com amigos e leitores do blog. Então um clube de

leitura sempre foi algo que pensávamos em fazer, mas não tínhamos muita ideia por onde começar. Foi então que, há quatro anos, surgiu o convite da Daniela Nunes, que na época trabalhava no setor de eventos da Livraria da Vila, para fazermos um clube. Amamos a ideia e desde então nos encontramos mensalmente para discutir sobre um livro”, lembra Juliana Leuenroth, que divide com Rafael Kalebe e Rafael Menezes, do setor de compras da Vila, a idealização e a coordenação do clube, além da mediação dos encontros.

Sobre o cenário em que acontecem as conversas, Kalebe diz que “influencia bastante porque a livraria é um polo cultural, um ponto de encontro para os leitores”. “Muitas pessoas que participam ativamente do clube ficaram sabendo dele ao visitar a livraria. Então, pareceu natural pra gente que esse encontro aconteça sempre na livraria”.

“Há muitos elementos que podem contribuir para uma boa conversa. Mas o que mais me atrai é quando o livro ‘divide’ os participantes. É quando a conversa fica mais animada, e encontramos mais pontos para discutir. Quando um livro é uma unanimidade, parece que a discussão fica um pouco

mais engessada”, diz Juliana Leuenroth, que também é uma das coordenadoras de outro clube, o Leia Mulheres. Para Kalebe, um dos elementos determinantes é a escolha dos livros. “Um cuidado na hora da escolha é entender livros que podem ou não gerar discussões. Outra coisa que me atrai é quando os participantes estão dispostos a entrar numa discussão sem pretensão de ‘ganhar’”, ele diz.

Sem disputas intelectuais, o instante de definir o título que será lido para o próximo encontro também tem mais a ver com conciliação do que com disputa. “Essa é uma parte divertida do clube. Nessa hora da apresentação, o nosso lado livreiro volta à tona e a ideia é quase ‘vender’ esse ou aquele livro preferido para os participantes. Mas como somos um pouco competitivos, essa ‘batalha’ às vezes pode ficar um pouco acirrada”, afirma Juliana. “O mais importante de um clube de leitura é ouvir os argumentos do outro e entender pontos de vista diferentes. Isso é enriquecedor. Muitas vezes saímos dos encontros com outros pontos de vista, até podemos mudar de opinião sobre algum aspecto do livro”. Para Kalebe, talvez a melhor avaliação seja exatamente

“É preciso entender que o clube de leitura é o melhor local para expor sua opinião sem medo dessa retaliação que acontece atualmente na sociedade. É um lugar de diálogo. E partir desse diálogo podemos discutir o mundo em que vivemos.”

Rafael Kalebe, do clube de leitura da Fradique



“O fator determinante para que a roda ‘gire’ é a imersão no processo. Cada um tem um tipo de interpretação diferente. É como se a mesma história fosse contada de forma distinta, porque são vivências diferentes sobre um mesmo tema. Este é o grande barato: partilhar, trocar, emprestar ao outro inusitado.”

Claudia Belintani Abbud,
do clube de leitura Confraria das Lagartixas

perceber que quando você lê um livro e vai ao clube, a obra se transforma e acaba se tornando em uma experiência que vai além daquela percepção inicial.

É uma dinâmica que se repete independentemente dos grupos, dos participantes ou da história de cada clube. Veja-se o caso da Confraria das Lagartixas, que promove encontros na loja da Livraria da Vila em Moema, e cuja trajetória é singular. Em 2009, quando os filhos se preparavam para o vestibular, Claudia Belintani Abbud convidou uma professora de literatura e algumas amigas para partilharem o gosto pela leitura enquanto ajudavam os vestibulandos a se prepararem para as provas. A partir daí, lembra Claudia, surgiu “a roda” de discussões e outras pessoas vieram atraídas pelo prazer de ler e de trocar de “lentes”, como ela diz. “Nos reuníamos uma vez por semana em torno do calor do fogão, trocando ideias, opiniões e de repente estávamos com Borges, Oscar Wilde, Guimarães Rosa em volta da mesa. Foi mágico. Formou-se uma corrente de pessoas inquietas, que buscam através das letras impressas um significado para esta confusão que é existir”, diz Claudia, que hoje divide as responsabilidades do clube com a filha Carla. Agora formada em psicologia e atuando profissionalmente como psicanalista, Carla ajuda a fazer com que a Confraria se propague em um circuito extremamente importante. “O de se fazer ouvir pela voz”, afirma Claudia.

“Escolhemos o nome Confraria das Lagartixas por influência de Oscar Wilde, que disse que *‘lagartixas sempre foram filosóficas por natureza, sentando-se*

frequentemente por horas a fio todas juntas para pensar’. A criação do clube foi uma forma de aplacar nossas inquietudes, indefinições, impasses, dilemas e uma possibilidade de percorrer labirintos internos nunca antes explorados. O acaso que nos une está naquilo que mais acreditamos – a partilha e a construção de significados singulares, elaborados através das relações humanas”, afirma Carla Belintani. “O que observo de mais humano e sensível nas nossas rodas de conversa são as formas como cada participante se deixa imprimir pela experiência do outro. Ler um livro é se deixar tocar pela trajetória dos personagens que a escrita oferece. Se reunir para compartilhar essas impressões dá voz ao que nos habita internamente, é uma exposição de si mesmo, uma possibilidade de abertura ao campo do desejo. No debate, o leitor está dizendo a forma que apreende sua realidade, é algo íntimo e muitas vezes revelador. Nos nossos encontros temos a minha mãe como mediadora que ‘oferece a palavra’ aos participantes. Enquanto um fala, o outro escuta, esse é o nosso critério essencial – poder ouvir o outro para depois tomar a palavra. Como diria Borges, é a palavra que faz com que o homem alcance a imortalidade, permanecendo na memória dos homens para todo o sempre. Não se trata de buscar um padrão de certo ou errado e sim compreender a maneira que cada

participante apreende a realidade. A arte é uma forma de acessar o inconsciente, pois acessa as fantasias através da captura sensível da produção estética”, diz Carla, revelando todo seu aprendizado literário-psicanalítico.

Evidenciar mais a literatura escrita por mulheres foi um dos objetivos que deram forma, conteúdo e ação ao clube Leia Mulheres, que nasceu em São Paulo e hoje acontece em várias cidades brasileiras. “O engajamento e a receptividade das pessoas mostra o quanto essa discussão é necessária para o fomento da literatura e da igualdade de gênero nas relações”, diz Juliana Gomes, uma das coordenadoras do grupo de vocação e propósito feminista. “Enquanto tivermos essa disparidade entre ‘gênero que lê’ e o que é editado a discussão de gênero sempre será importante. Queremos que mais mulheres autoras, de qualidades e de estilos literários diferentes, sejam mais lidas. No Brasil, 70% das obras lançadas são de autores homens, sendo que a maioria de leitores é composta por mulheres”, afirma Juliana. Sobre o longo alcance da ideia original, com clubes em diversas cidades do Brasil, ela diz que “os clubes possuem característica muito diferentes de leitura e de leitores”. “O importante é que essa mistura tem trazido mais riqueza ao debate e que várias pessoas estão conhecendo autoras que antes ficavam apenas no seu estado de origem, normalmente autopublicadas ou de editoras independentes de distribuição restrita”, afirma Juliana.

“A questão presencial dos clubes não tem como ser dissociada das questões de gênero, principalmente pelo Leia Mulheres, porque nessas experiências presenciais temos a vivência literária como

“A leitura sempre foi vista como uma experiência solitária. Os clubes de discussão são importantes, pois a troca de opiniões pode ajudar num maior entendimento da obra, ou uma compreensão diferente. Diferentes pontos de vista são enriquecedores para o entendimento de um livro.”

Michelle Henriques, do clube de leitura Leia Mulheres

“O importante é que essa mistura tem trazido mais riqueza ao debate e que várias pessoas estão conhecendo autoras que antes ficavam apenas no seu estado de origem, normalmente ‘autopublicadas’ ou reveladas por editoras independentes de distribuição restrita.”

Juliana Gomes, do clube de leitura Leia Mulheres

porta de entrada para discussões e debates que agregam as questões além da literatura. Em um tempo em que as discussões são debatidas de maneira acalorada nas redes sociais, talvez os encontros presenciais sejam um porto de discussão e de escuta do outro, desses raros momentos de empatia mútua”, diz Juliana. No Leia Mulheres, as escolhas para livros a serem debatidos são feitas por cidade, pela mediadora ou por votação com integrantes do grupo.

“Muitas vezes nos deparamos com um escritor e não conseguimos nos despedir de sua obra. É o caso de Alice Munro. A cada conto, nos surpreendemos com o ‘não dito’, o indizível do universo feminino alinhavado nas entrelinhas da narrativa. Mario Vargas Llosa, Lygia Fagundes Telles, Gabriel García Marquez também nos fizeram ir e vir. Alinhar literatura e cinema é mais prazeroso ainda. Porque de alguma forma tudo já foi contado – porém, o ciclo não termina, sempre há algo novo a ser debatido. É a vida em movimento”, afirma Cláudia Belintani, para quem a experiência do encontro se dá como uma pré-condição insubstituível. “Quando compartilhamos a leitura com alguém, não há dúvida de que nosso universo se expande. E aqui não entra a forma escrita – é através da fala,

“É uma mudança de perspectiva do livro. Poder falar sobre ele em um clube traz novas camadas de leitura, que não tiram de forma nenhuma o ato solitário e maravilhoso da leitura. Só acrescenta novas possibilidades de interpretação.”

Juliana Leuenroth, do clube de leitura da Fradique



Carla e Cláudia, filha e mãe apaixonadas por livros

“Os encontros na Livraria da Vila nos trazem para uma atmosfera especial, pois estamos rodeadas por livros e ao mesmo tempo é como se estivéssemos entre os autores. É mágico. Frequentemente escutamos alguém do grupo dizer que gostaria de viver mais para dar conta de tanta leitura. A livraria nos faz querer ter mais tempo de vida para embarcar nesses enigmas que estão nos livros, aguardando que alguém os desvende. Afinal, não seria esse o mistério da vida?”

Carla Belintani, psicanalista,
do clube de leitura Confraria das Lagartixas

do contato visual, do físico, da cadência da voz, do escutar e o apreender do outro no processo. Aí a ciranda se faz, a roda gira, as Lagartixas caminham juntas para um universo paralelo onde a arte se insere em nossa memória poética e nos faz transcender. O contato físico, a troca de olhares, o livro na mão, o saber ouvir, a pausa para a reflexão, o respeito pelo outro e principalmente a imersão no processo fazem do clube algo que não dá para ser confundido com o que acontece na internet. É outra pegada. Estamos tentando nos distanciar da ‘civilização do espetáculo’. É muito difícil permanecer no mundo real. Mas a gente não desiste”, ela afirma.

“Os diálogos sobre literatura são sempre um convite à escuta do outro e de si. É um exercício de cidadania e respeito. Quando estamos lendo um escritor, fazemos um estudo sobre sua vida e obra e nos empenhamos para ler mais do que apenas um livro para podermos nos aprofundar melhor em sua escrita e desenvolvermos nosso parecer. É um ato que leva tempo, dedicação e paciência para ser desenvolvido. Diferente das relações virtuais onde a cultura do imediatismo e entretenimento estão cada vez tomando mais espaço. Vivemos um momento em que as pessoas formam opiniões lendo apenas o prefácio de um livro ou a chamada de uma notícia. Os debates sobre literatura trazem a força da voz e da presença para a construção de um sentido. Seria o se deixar tocar pelo outro, pela vivência de cada um”, afirma Carla.

Uma bela iniciativa

"Cada livro que eu leio é um acontecimento", diz Giulia, 15 anos, que quer reunir outros adolescentes em novo clube de leitura, com estreia este mês na loja da Fradique

Fascinada por livros, Giulia Moreira, 15 anos, convidou a amiga Stella Kochen para juntas criarem um clube de leitura, cujo primeiro encontro acontece no próximo dia 30 de julho, domingo, às 18h, na Livraria da Vila da Fradique. A ideia começou a tomar forma depois que a estudante do Colégio Pentágono releu *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, e sentiu, como diz, "uma enorme necessidade de debater o livro com pessoas da minha idade". Como não encontrou grupos de discussões na internet, decidiu viver a experiência que promete ser inspiradora também na adolescência. Giulia falou à *Vila Cultural*.

Vila Cultural. De onde vem o seu gosto pela leitura?

Giulia Moreira. Vem da minha família. Além de ser incentivada pelos meus pais desde pequena, via-os carregando livros para todo lugar e debatendo-os. Essas experiências criaram em mim uma vontade tão grande de ler e conversar sobre isso que a leitura logo se tornou um hábito. Quando era mais nova, adorava sagas infantojuvenis. Hoje em dia, dedico meu tempo a romances, ficções e temas que me interessam, como feminismo.

VC. O que é ler para você?

GM. Significa "ter um amigo" que posso levar a qualquer lugar. É um conforto e uma saída para os momentos tristes e uma constante possibilidade de prazer e aprendizado. Os livros me transportam



Giulia Moreira

para outros universos e permitem que eu veja a vida com uma perspectiva ampliada. Cada livro que eu leio é um acontecimento.

VC. Qual o livro mais marcante que já leu?

GM. É uma tarefa impossível escolher só um. Cada livro que li me ensinou algo novo e me tocou de uma maneira diferente. *Frida – A biografia*, por exemplo, me mostrou a trajetória de uma pintora forte e exótica, cujo amor pela vida superou obstáculos inimagináveis. Já o romance *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, evidencia a dificuldade de ser uma mulher sem dotes na Inglaterra de 1800 e apresenta fortes críticas à sociedade inglesa.

VC. Como surgiu a ideia e a possibilidade de criar um clube?

GM. Em 2016 reli *Orgulho e preconceito* e senti uma enorme necessidade de debater o livro com pessoas da minha idade. Precisava trocar impressões, interpretações e sentimentos. Busquei na internet

grupos de debate, perguntei para amigos, mas não encontrei nada destinado a minha faixa etária. Pensei que, assim como eu, muitos adolescentes gostariam de trocar experiências de leitura.

VC. Por que *1984*, de George Orwell, para a primeira conversa?

GM. A ideia do clube é que a escolha dos livros seja democrática. No entanto, me pareceu mais prudente escolher o primeiro livro e deixar que os próximos fossem escolhidos em grupo. Para que a escolha não fosse só minha, pedi sugestões para amigos que vão participar do clube e surgiram opções bem interessantes, como *O apanhador no campo de centeio* e *A metamorfose*. Para definir o livro, chamei a Stella Kochen, uma amiga que vai liderar o grupo junto comigo. Escolhemos *1984* porque, ainda que a primeira publicação seja de 1949, o tema é bastante atual e pertinente para o momento que estamos vivendo.

VC. O que podemos aprender com o diálogo sobre livros?

GM. A leitura nos permite experimentar o lugar dos personagens, saber o que eles pensam, o que eles sentem e porque se comportam de determinada forma. A leitura desenvolve a empatia. Ao nos colocarmos no lugar do outro a probabilidade de respeitarmos sua posição é maior; além disso, elaboramos argumentos mais estruturados e profundos, pois ponderamos todos os lados. 